

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 3 / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0298-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.985221507>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro *Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 3*, apresenta, em seus treze capítulos, diferentes pesquisas nos campos linguístico, literário e artístico, com trabalhos que cortejam o título do volume. Esse reúne às artes as letras e a linguística, visando alcançar possíveis repercussões e ressonâncias, o que acontece, de fato, nos estudos selecionados para compô-lo.

Assim, há trabalhos que apresentam, como *corpus*, produções artístico-literárias de Yuyi Morales, Glenn Ringtved e Ricardo Azevedo, no capítulo que aborda as narrativas sobre morte para crianças. Temos, ainda, a arte latino-americana como objeto de estudo, além da obra de Cecilia Paredes. Há, também, o cortejo de um curta-metragem de Roberto Ribeiro e Fernando Alves, além de uma investigação sobre o mito originário do *ikwasiat*. Por fim, contempla-se também o filme *A origem dos guardiões* como *corpus* nessa coletânea.

Outrossim, temos trabalhos que têm como *corpus* a gramática da Língua Portuguesa, seja cortejando sua função no ensino de leitura na língua materna, abordando também a investigação da disputa por originalidade das primeiras gramáticas espanholas e portuguesas. Por fim, há os trabalhos que contemplam a semântica, a implementação da BNCC em sala de aula e o funcionamento de discursos políticos.

Portanto, o livro de que falamos colabora para o enriquecimento não só dos campos da literatura, do cinema e das artes, como também da linguística, da gramática e do ensino. Em outras palavras, é uma rica contribuição para as Ciências Humanas e abre caminho para formação de novos conhecimentos para graduandos, graduados, pós-graduandos, pós-graduados, professores e a todos que se interessem pelas diferentes abordagens metodológicas que atravessam o universo das humanidades nesse volume.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A FINITUDE EM TEXTOS NARRATIVOS PARA CRIANÇAS

Regina Chicowski

Luana Talita Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215071>

CAPÍTULO 2..... 17

AS PRIMEIRAS GRAMÁTICAS: DISPUTAS PELA ORIGINALIDADE

Cinthia Aparecida Lemes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215072>

CAPÍTULO 3..... 29

A GRAMÁTICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LEITURA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Walisson Dodó

Denise Santos Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215073>

CAPÍTULO 4..... 46

MAFALDA: REPRESENTAÇÃO FEMININA E INTERTEXTUALIDADE

Francisco Rangel dos Santos Sá Lima

Vivianne Caldas de Souza Dantas

Daniela Katêrine de Oliveira

Mirna Maria Félix de Lima Lessa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215074>

CAPÍTULO 5..... 54

A NOÇÃO DE VAGUEZA E POSSÍVEIS OPERAÇÕES DE LINGUAGEM EM SALA DE AULA

Antônio Carlos Gomes

Bruno Henrique Castro de Sousa

Roberta de Oliveira Tropiano Barros D'ávila

Rudner Merotto Di Rubim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215075>

CAPÍTULO 6..... 77

IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC: A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PARA A CONCRETIZAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS SALAS DE AULA

Márcia Moreno

Paulo Fioravante Giaretta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215076>

CAPÍTULO 7..... 88

MIMETISMOS E ENCOBRIMENTOS COMO MODO DE RESISTÊNCIA CONTRA A

MESMIDADE DO “EU”, NA SÉRIE “PAISAJES”, DE CECILIA PAREDES

Karine Perez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215077>

CAPÍTULO 8..... 97

DAS VANGUARDAS À GLOBALIZAÇÃO: A ARTE LATINO-AMERICANA E A BUSCA POR IDENTIDADE

Tatiana Carence Martins

Aurélio Ferreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215078>

CAPÍTULO 9..... 104

O ABANDONO DE CRIANÇA EM LIXÕES: UMA ANÁLISE SOCIO-SEMIÓTICA DE ASPECTOS SOCIOCULTURAIS NA LINGUAGEM FÍLMICANA AMAZÔNIA

Rosanne de Castelo Branco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9852215079>

CAPÍTULO 10..... 116

UM FILME EM DOIS TEMPOS: A MEMÓRIA COMO SÍMBOLO CONCEITUAL

Ana Maria Ferraz de Matos Mendes

Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150710>

CAPÍTULO 11 130

OMITO DE ORIGEM DO *IKWASIAT*: CONSIDERAÇÕES SOBRE ARTE E CONHECIMENTO

Heidi Soraia Berg

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150711>

CAPÍTULO 12..... 147

O FUNCIONAMENTO DOS DISCURSOS POLÍTICOS

Rita de Cássia Constantini Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150712>

CAPÍTULO 13..... 158

DESVELANDO E ANALISANDO PROCESSOS DE TRANSCRIÇÃO INTERPRETATIVA DO CANTOR

Lucila Tragtenberg

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98522150713>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 169

ÍNDICE REMISSIVO..... 170

AS PRIMEIRAS GRAMÁTICAS: DISPUTAS PELA ORIGINALIDADE

Data de aceite: 04/07/2022

Cinthia Aparecida Lemes

RESUMO: Este trabalho compara as primeiras gramáticas de língua espanhola e de língua portuguesa, de António de Nebrija (1942) e João de Barros (1540) para a verificar se o estudioso português teria se baseado na gramática do espanhol para compor a sua. Entretanto, a pergunta que fazem é se seria a gramática de João de Barros uma mera cópia? Seria uma tradução e atualização dos conceitos gramaticais para a língua portuguesa? Para entender essa problemática, reconstruiremos a situação da época em um levantamento das ideias linguísticas e da mentalidade que permeavam o período e para termos as condições de fazer um estudo comparativo entre as duas. Para o método de estudo, fizemos a contextualização, imanência, adequação das informações levantadas e aproximamos as reflexões da perspectiva da análise dialógica do discurso mobilizando conceitos bakhtinianos e do Círculo como autor, autoria, tradução e ideologia. Nossos resultados foram tabulados usando determinados dados da gramática espanhola e portuguesa, de modo a verificar a originalidade desta última.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia linguística. Tradução. Ideologia. Escritor. Autor.

THE FIRST GRAMMARS: DISPUTES FOR ORIGINALITY

ABSTRACT: This work compares the first Spanish and Portuguese language grammars, by António de Nebrija (1942) and João de Barros (1540) to see if the Portuguese scholar would have based on Spanish grammar to compose his. However, would João de Barros' grammar be a mere copy? Would it be a translation and updating of grammatical concepts into the Portuguese language? To understand this problem, we will reconstruct the situation of the time in a survey of the linguistic ideas and the mentality that permeated the period and to have the conditions to make a comparative study between the two. For the study method, we will make the contextualization, immanence, adequacy of the information collected and bring the reflections from the perspective of the dialogical analysis of the discourse, mobilizing Bakhtinian and Circle concepts as author, authorship, translation and ideology. Our results were the tabulation of some data from Spanish grammar and the originality of Portuguese grammar, since we found elements that differ.

KEYWORDS: Linguistic historiography. Translation. Ideology. Writer. Author.

1 | INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é comparar as primeiras gramáticas de língua espanhola e de língua portuguesa, de António de Nebrija

(1942), *Arte de grammatica de lengua castellana*¹, e João de Barros (1540), *Gramatica da lingua portuguesa* para, comparativamente, verificar se João de Barros teria se baseado na gramática do espanhol para compor a sua. Justificamos a nossa escolha no fato da obra de ambos os autores servirem de referência para muitos estudos etimológicos, filológicos e gramáticos históricos. Esses dois estudiosos defendiam o uso de suas respectivas línguas maternas em publicações literárias e documentais em seu tempo, por isso, lutaram pelo seu fortalecimento, pelo fortalecimento de suas nações e elogios a elas para a sua promoção. Os gramáticos tinham como objetivo substituir a língua latina, usada nos documentos oficiais, pela língua vulgar, conquistar novas nações e aumentar o número de fiéis católicos para a Igreja.

O fundador deste sentido de “imperialismo linguístico”, como designa Buescu, foi na verdade António Nebrija. No prólogo da sua *Arte de grammatica de lengua castellana* (1492), ao desencadear na Europa o esforço pela gramaticalização de línguas vernáculas, na verdade sugere que a consciência linguística figurasse a par da consciência <<nacional>>. Na sua célebre expressão “Siempre la lengua fue companera al imperio” para lá do pendor evangélico, entrevê-se um sentido maioritariamente bélico, muito por conta “da reconquista de Granada e das empresas africanas”. (LEITÃO, 2015, p.04)

Como as gramáticas surgiram com a diferença de quase cinquenta anos, talvez João de Barros tenha lido a gramática de Nebrija e se baseado em suas ideias linguísticas para compor a sua. Entretanto, seria a gramática de João de Barros uma mera cópia? Seria uma tradução? Para responder a essa questão, faremos um estudo comparativo de como os autores trazem os conceitos gramaticais como os sinais de pontuação e as regras de acentuação trabalhadas para verificar se há correspondência. Será observado se os dois gramáticos sistematizaram uma explicação sobre o sistema de pontuação e de acentuação da mesma forma em suas respectivas línguas.

2 | REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para desenvolver uma reflexão sobre a temática, abordaremos a história do surgimento da historiografia com novas formulações proposta por March Bloch de uma nova visão epistemológica do fazer históricos, seus princípios e aproximação com o pensamento bahktiniano. O novo método de fazer história proposto por March Bloch e Lucien Febvre alteraram o modo de se estudar os escritos históricos e o fazer histórico. Seus representantes defendiam que se queremos estudar algo um fenômeno social, por exemplo, devemos levá-lo a esfera mundial e compará-lo a outros fenômenos para que possamos entendê-lo. Bloch diz que não se pode entender algo em um determinado país se não levamos o problema analisado a esfera mundial, ao estado do mundo naquele

¹ Título original: *Arte de grammatica de lengua castellana por el doctissimo maestro Antonio de Nebrissa compuesta*. A primeira edição saiu em Salamanca, em 1492. Existe um exemplar na Bibliothèque National de France, Manuscripts, Portugais, n.º 12, fls. 273-339.

momento. O que anteriormente se fazia nas escolas históricas era estudar os fatos apenas para a memorização. Para Bloch, se a história só serve para memorizar, não serve para nada. O que autor defende é estudar a história tentando compreender completamente o quê e porquê aconteceu determinado fato. Nesse ponto, o pensamento dialoga com as reflexões bakhtinianas interdisciplinares entre língua, história e literatura. Bakhtin comenta que o pesquisador

deve estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época. É inaceitável separá-la do restante da cultura e, como se faz constantemente, ligá-la imediatamente a fatores socioeconômicos, passado, por assim dizer, por cima da cultura. Esses fatores agem sobre a cultura no seu todo e só através dela e junto com ela influenciam a literatura [...] não se levava em conta que a vida mais intensa e produtiva da cultura transcorre precisamente nas fronteiras de seus campos particulares e não onde e quando essas fronteiras se fecham em sua especificidade. (BAKHTIN, 2017, pp.11-2).

Podemos observar que o que Bakhtin coloca como “história da cultura”, a contextualização e imanência, Bloch e Febvre chamam de levar algo à esfera mundial para poder entendê-lo. As ideias dos teóricos convergem no sentido de integrar as ciências, de fazê-las interdisciplinar para melhor entender um fato. Para esses historiadores, o fazer histórico deveria deixar de ser baseado apenas em linhas cronológicas, e, sim, comparar o homem às ideias contemporâneas, às passadas e no que se poderia projetar para o futuro. A “Ecoles de Annales”, fundada depois nesse novo modelo, divulgou a ideia de que a história não era para ficar sozinha em sua especialidade. A história é interdisciplinar e pode envolver-se em vários campos de estudos como, por exemplo, a linguística. O desenvolvimento e entrelaçamento das duas ciências mostram que história e linguística precisam estar ligadas ao contexto social e econômico de uma determinada época.

A História se produz socialmente, mas as pessoas têm ideias e conceitos diversos sobre a natureza e dimensão da produção desse conhecimento. A recuperação e a análise das diferentes formas de concepção e escrita da história definem o âmbito da historiografia. Ela é uma produção cultural, um processo social e ideológico dotado de intencionalidades e objetivos explícitos e implícitos em suas formulações e práticas. A historiografia é um conjunto de concepções e práticas de escritas da história que atendem as demandas de seus espaços, tempo cultural e do social. É plural e multiforme posto que diferencia uma cultura, sociedade e Estados dos demais. Nas palavras de Bakhtin,

Tememos nos distanciar temporalmente do fenômeno em estudo. Entretanto, uma obra remonta com suas raízes a um passado distante. As grandes obras da literatura são preparadas por séculos; na época de sua criação colhem-se apenas os frutos maduros do longo e complexo processo de amadurecimento. Quando tentamos interpretar e explicar uma obra apenas a partir das condições de sua época, das condições da época mais próxima, nunca penetramos nas profundezas dos seus sentidos. O fechamento em

uma época não permite compreender a futura vida da obra nos séculos subsequentes; essa vida se apresenta como um paradoxo. BAKHTIN, 2017, pp. 13-14).

Nesse sentido, a prática do historiador ou do pesquisador não é nem individual e nem difusa, ela é construída social e culturalmente e tem objetivos de diversos matizes: econômicos, sociais, religiosos, políticos, etc. que não são excludentes, mas se articulam com outras culturas e sociedades para construir a si mesma. Bakhtin comenta que:

As obras dissolvem as fronteiras da sua época, vivem nos séculos, isto é, no *grande tempo*, além disso levam frequentemente (as grandes obras, sempre) uma vida mais intensa e plena do que em sua atualidade. *Grosso modo* e de forma mais simplificada: se o significado de alguma obra se reduzisse, por exemplo, ao seu papel na luta contra o feudalismo (é o que se costuma fazer na escola secundária em nosso país), semelhante obra deveria perder inteiramente o seu significado quando o feudalismo e os seus remanescentes deixassem a vida, mas amiúde a obra ainda aumenta o seu significado, isto é, entra no *grande tempo*. Entretanto, uma obra não pode viver nos séculos futuros se de certo modo não reúne em si também os séculos passados. (BAKHTIN, 2017, pp. 13-14).

Para que seja realizado o trabalho historiográfico, pesquisador deve se basear em três princípios que Korner (1996) estabeleceu para o desenvolvimento dessa ciência, a saber: o princípio da contextualização, o princípio da imanência, o princípio da adequação.

O primeiro é a contextualização que é o levantamento de todo contexto histórico-cultural em que a obra foi produzida, é a reconstituição histórica de todo o contexto histórico da época em que o documento foi escrito; o segundo princípio, a imanência, é procurar ter um entendimento amplo das informações do documento histórico em estudo; e, último princípio, o da adequação teórica, é a possibilidade que o historiador tem de atualizar o documento para que o leitor moderno possa entendê-lo com mais facilidade. São esses os princípios que orientam os estudos historiográficos.

Sobre as fontes, a orientação é que o historiador as classifique como primeiras e secundárias. As primárias serão os próprios textos sob estudo. As secundárias serão todos os textos que foram escritos baseados nos textos primários que podem ser estudos, análises, críticas, entre outros. Os critérios de análise será o de estabelecer categorias de análise para a interpretação e a reconstrução historiográfica dos períodos estudados.

2.1 O espírito de época - contextualização

Podemos conceber a materialidade das gramáticas como um ato artístico e, como tal, nos traria a ideia de autor e autoria. O ato artístico tem sua especificidade, pois nele se transpõe a realidade vivida, marcada por diferentes valorações sociais, para um outro plano axiológico, o da obra: “o ato estético opera sobre sistemas de valores e cria novos sistemas de valores.” (FARACO, 2005, p. 38). A formulação da distinção autor-pessoa/autor-criador em termos de deslocamentos no plano da linguagem é apenas um

outro modo de apresentar a conceituação primeira de Bakhtin. Autor-pessoa seriam os gramáticos trabalhados quando observamos a sua história de vida. O autor-criador, dá unidade ao todo artístico, é o responsável pela transposição de um plano de valores para outro plano de valores, o do mundo da obra. Como o autor-criador é quem dá forma ao conteúdo, recorta e reorganiza esteticamente os eventos da vida e não apenas os registra passivamente. Vemos que a forma de organização dos gramáticos é diferente. Por meio do posicionamento ideológico e a forma como os gramáticos concebiam suas línguas, lutaram pela promoção, fortalecimento e preservação. (FARACO, 2005, p. 41).

Em relação às gramáticas estudadas, o objetivo de formalizar, sistematizar a língua portuguesa e a língua espanhola era o de consagrar o ensino da língua aos meninos nobres e para usos ultramarinos, pois o momento era de expansão do império. E, as primeiras gramáticas surgiram em uma época em que sistematizar a língua era muito importante para os impérios colonizadores. Dessa maneira, para os portugueses e espanhóis, o ensino de sua língua e da religião asseguraria a manutenção dos territórios conquistados e um aumento do número de fiéis para a Igreja Católica.

No decorrer dos séculos, a língua portuguesa passou a competir com a língua espanhola. Essa competição se devia porque cada nação queria demonstrar ao mundo que a sua cultura era superior. Nesse sentido, escrever uma gramática simbolizava a chance de colocar sua língua em evidência e fazer com que mais pessoas a conhecessem. Também, para que o ensino ganhasse força, era necessário que houvesse um material esquematizado, algo estruturado que fosse didático e garantisse o bom aprendizado dos habitantes do Novo Mundo. Isso se fez sentir como necessidade e nos fez lembrar o que Volóchinov afirma que:

as menores, mais ínfimas e mais efêmeras mudanças sociais repercutem imediatamente na língua; os sujeitos inter-agentes inscrevem nas palavras, nos acentos apreciativos, nas entonações, na escala dos índices de valores, nos comportamentos ético-sociais, as mudanças sociais. As palavras, nesse sentido, funcionam como agente e memória social, pois uma mesma palavra figura em contextos diversamente orientados. E, já que, por sua ubiquidade, se banham em todos os ambientes sociais, as palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos, contraditórios entre si, pois frequentaram e se construíram em todos os campos das relações e dos conflitos sociais. (VOLÓCHINOV, 2016, p.42)

Nesse caso, essa tensão entre Espanha e Portugal, fez com que este último exaltasse o uso e a escritura de documentos oficiais em língua portuguesa porque havia a necessidade de uma unidade nacional e fazer com que a língua portuguesa fosse mais forte em relação às demais nações como a espanhola, por exemplo. Muitos autores portugueses preferiam escrever em latim ou então em espanhol os diálogos e havia regiões que optavam pela língua espanhola em detrimento da língua portuguesa. Surgiram vários estudiosos que defendiam sua língua materna frente às outras línguas faladas no mundo. No “Diálogo da Viciosa Vergonha” João de Barros se divide em dois enunciadores um português e outro

espanhol para dizer que a língua portuguesa era mais sonora, mas próxima do latim do que a língua espanhola.

Um exemplo de escritor que preferia a língua espanhola foi o português Jorge Montemor que publicou em castelhano o seu livro “Diana”: a descrição e narração da história em língua espanhola e apenas incluiu alguns diálogos em português. Sendo assim, o ensino de língua portuguesa era a base para a defesa do nacionalismo ou patriotismo.

Na obra de Nebrija permeia a ideia de que a língua é companheira do império. Como historiador, o gramático abriu um parêntese em suas atividades habituais e escreveu a sua gramática. Várias foram as denominações para a gramática do autor: acidente anacrônico, fracasso profissional, fruto da preocupação patriótico ou “bobagem/enrolação intelectual” de um gramático com dificuldades econômicas. E há considerações, como a de Eugenio de Busto, de que Nebrija é o primeiro linguista espanhol da História. (TORRES, 1995, p.20)

Muitos teóricos discutiram os interesses de Nebrija ao escrever a sua gramática. Há os que exaltam a sua atitude dizendo que ele ajudou a expandir a língua do império para as colônias e, de fato, fez isso. O que gera as dúvidas e as discussões ou as divergências de opiniões é em saber se ele de fato tinha o dom, estava vocacionado para fazer isso ou se ele “acidentalmente” fez o que fez. Torres apoiado em Luis Gil Fernandez, a respeito dessa questão, se pergunta em sua obra “Actas de la Tercera Academia Renascentista.”

Por que tudo isso? As circunstâncias pessoais de Nebrija e a atmosfera da época explicam essa mudança de tom. Nosso humanista viera a Salamanca, não para tomá-la como uma fortaleza e negar a barbárie, segundo sua metáfora bélica, mas com o mais modesto propósito de procurar trabalho e ganhar a vida, quando foi abandonado nas ruas com a morte de Dom Alonso de Fonseca, a cujo serviço esteve três anos em Sevilha, desde o seu regresso da Itália². (TORRES, 1995, p.20, tradução nossa)

O gramático buscava um melhor método de ensino da língua latina por meio da língua vulgar que até então andava “solta” sem nenhuma normatização ou regra, porém, se via nisso a chance de conquistar a unidade linguística de todo o território espanhol e fazer mais forte o império dos Reis Católicos. Afonso X, o sábio, propôs, então, a primeira fixação da ortografia do idioma e a criação da prosa castelhana. O autor adquiriu muitas de suas ideias linguísticas da época quando passou um tempo estudando na Itália e desenvolveu uma corrente filológica ou gramatical na Espanha originada do movimento italiano. Essa corrente só começou mesmo por volta de 1473 quando Antônio de Nebrija fez reflexões comparativas do espanhol ao italiano.

Sua gramática teve poucas tiragens e hoje em dia se encontram apenas 12 exemplares espalhados por algumas partes da Europa, e, dessa obra não se encontrou

² A santo de qué todo esto? Las circunstancias personales de Nebrija y el ambiente de la época explican esta salida de tono. Nuestro humanista había venido a Salamanca, no para tomarla al asalto como una fortaleza y denegar la barbarie, según su bélica metáfora, sino con el más modesto fin de buscar un empleo y ganarse el sustento, cuando se quedó en la calle a la muerte de Don Alonso de Fonseca, a cuyo servicio había estado en Sevilla tres años desde su regreso de Italia.

outra edição posteriormente. Porém, em 1575 em Alcalá de Henares surgiu uma edição chamada “Reglas de Orthographia” que “não há dúvidas que se trata de um lapso do bibliógrafo hispânico, que confundiu a “Gramática Regras” com as de “Orthographia”.³ (NEBRIJA, 1946, p.21 – tradução nossa). A possível explicação para a mudança de nome da gramática está na Introdução da edição da Junta do Centenário publicada em Madrid em 1946:

A razão de tão inexplicável esquecimento acaso há podido ser, de uma parte, a tormenta de críticas que o ensaio do nebricense desperta, e de outra, a série de gramáticas semelhantes, e incluso inspiradas na de Elio de António, que vão vindo à luz no transcurso dos séculos XVI e XVII. O certo é que até o século XVIII não se encontra uma impressão da Gramática, hoje em dia mais rara ainda que o próprio original.⁴ (NEBRIJA, 1946, p.21 – tradução nossa)

Então, percebe-se que para acalmar os ânimos, muda-se o nome da gramática continuando, dessa forma, a disseminação das ideias gramaticais de Nebrija.

João de Barros, por sua vez, foi filho de um nobre e educado na corte de Dom Manuel I no período do apogeu dos descobrimentos portugueses. Começou a escrever aos vinte anos como romances de cavalaria, “Crônica do Emperador Clarimundo, donde os Reus os de Portugal descendem”, que foi dedicado ao príncipe herdeiro Dom João. Publicou a “Gramática da Língua Portuguesa” e diversos diálogos morais a acompanhá-la, para ajudar ao ensino da língua materna. Pouco tempo depois, iniciou a escrita de “Décadas da Ásia” narrando os feitos dos portugueses na Índia (“Ásia de loam de Barros, dos feitos que os Portuguezes fizeram na conquista e descobrimento dos mares e terras do Oriente”), assim chamadas por, à semelhança da história liviana, agruparem os acontecimentos por livro em períodos de dez anos.

Em relação à gramática propriamente dita, ela é uma gramática vulgar que não adota um modelo gramatical latino de estruturação da língua. Logo no início de sua obra, Barros diz que a gramática é a ciência das letras seguindo assim a definição grega para a palavra. Com o passar dos anos e o aparecimento de novas gramáticas, esse conceito deixa de ter a definição grega para a palavra e passou a ser definida como o modo certo e justo de falar e escrever.

As ideias gramaticais de João de Barros expressaram bem a visão e as características da língua portuguesa em sua época. Ele se afastou da proposta de descrição de língua portuguesa como se fazia no latim e no grego e isso surpreendeu a muitos estudiosos porque era comum os gramáticos se basearem nesses modelos. O gramático exalta seis motivos para que a língua portuguesa fosse falada: riqueza vocabular; conformidade com a

³ Trecho original: no hay duda que se trata de un lapsus del bibliógrafo hispalense, quien ha confundido la Gramatica Reglas con las de Orthographia.

⁴ Texto original: La razón de tan inexplicable olvido acaso haya podido ser, de una parte, la tormenta de críticas que el ensayo del nebricense despierta, y de otra, la serie de gramáticas semejantes, e incluso inspiradas en la de Elio Antonio, que van viendo sucesivamente la luz en el transcurso de los siglos XVI y XVII. Lo cierto es que hasta el siglo XVIII no se encuentra una reimpresión de la Gramatica, hoy día más rara aún que el propio original.

língua latina e filiação nela; gravidade e majestade; sonoridade agradável; caráter abstrato; e, possibilidade de enriquecer o seu vocabulário por meio de adoções e adaptações (sobretudo de latinismos).

Neste contexto surgiu as primeiras gramáticas. No caso na primeira gramática de língua portuguesa, semelhante intento tornou-se particularmente evidente, numa clara afirmação do português face ao castelhano. A língua portuguesa era desvalorizada pelos seus autores então fazer elogios a ela, escrever documentos que a promovessem, era a meta de João de Barros; também, ela era um instrumento não só de cultura, mas de evangelização, ou seja, era um meio de propagação do catolicismo. (LEITÃO, 2015, p.05)

2.2 Resultados e discussões

Donato e Prisciano, teóricos clássicos, dividiam as classes gramaticais em oito: nome, pronome, verbo, participio, advérbio, interjeição, conjunção e preposição. E esse era o modelo imitado por todos os autores da época para a construção das gramáticas latinas, Nebrija se baseou nessa divisão, mas percebeu que no castelhano havia algumas diferenciações então ele acrescenta mais duas que é o supino e gerúndio. A gramática de Nebrija foi dividida em cinco livros. O primeiro livro é sobre a ortografia; o segundo da prosódia; o terceiro da etimologia; o quarto da sintaxe; e, o quinto, é uma reflexão sobre a língua, é uma esquematização da língua espanhola para que os estrangeiros pudessem estudá-la. O quinto livro foi baseado no mesmo esquema das gramáticas latinas de definir o que é letra, sílaba, palavra, oração, abordar sobre verbos entre outros componentes gramaticais.

O gramático desenvolveu um método de descrição que deveria se estruturar a ordem natural da língua, isto é, letra-sílaba-dicção-oração. Porém, esse método poderia ser aplicado em todas as línguas naturais (maternas). E, a vantagem desse método natural se resume em dois pontos concretos: uma parte, graças à aplicação desse método à natureza; outro ponto é que o método oferece a vantagem de que os conhecimentos teórico-gramaticais necessários para o conhecimento da língua latina nascessem da própria língua materna. (TORRES, 1995, p.249).

Quanto à explicação do sistema de pontuação, Nebrija não faz nenhuma referência. A única referência é sobre o uso de cedilha, que atualmente seu uso é inexistente na língua espanhola. Em relação aos acentos, no capítulo VI, do segundo livro, Nebrija trata sobre as regras de acentuação e diz que a língua castelhana costuma ter acentos.

Já a gramática de João de Barros, foi dividida em quatro partes: ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe ou construção. Na parte referente à ortografia e prosódia o autor conceitua as letras, descreve as sílabas, suas quantidades e os acentos. Na parte de Etimologia, ele faz a classificação das palavras e faz uma análise das flexões nominais e verbais. Na quarta parte, é sobre a sintaxe. Depois dessas partes, o autor apresenta dois capítulos de reflexão da língua: um que reflete sobre os barbarismos da língua e

outro que volta a falar sobre a ortografia. No final da parte *Ortografia*, João de Barros define a ortografia como “ciência de escrever dereitamente”. João de Barros apresenta algumas “(breves) anotações sobre pontuação cuja orientação viria, ainda, a transformar na primeira tentativa de regularização conhecida para a língua portuguesa sobre os mecanismos da escrita, ‘em que os latinos mostraram muita diligencia’, ‘principalmente na letera tirada”(BARROS, [1540] 1971, p.153, sic). João de Barros afirma nesse trecho que havia diligência nos hábitos de pontuar no português arcaico. Os hábitos estabelecidos na estrutura lógico-gramatical que se apoiava nas características da língua falada.

O gramático português reconfigura a norma de uso da pontuação da língua inspirado nos modelos clássicos. Segundo Machado Filho (2004), na Idade Média portuguesa, no período em que chamamos de arcaico, “ter-se-ia conformado o uso da pontuação medieval como recurso auxiliar de notação de aspectos não exclusivamente sintáticos”, assim como é hoje, ela destacava aspectos melódicos, rítmicos e pausais fortemente influenciados pela fala. Pois, nessa época, utilizava os recursos da pontuação, para dar suporte às leituras em voz alta dos livros.

No período arcaico, a elite intelectual portuguesa era de apenas dois por cento. Isso “impelia os hábitos de escrita a acomodar muito dos aspectos prosódicos da fala na elaboração dos registros da época” (MACHADO FILHO, 2004). O conhecimento da escrita era exclusivo das feiras e dos padres. No período arcaico da língua portuguesa, as soluções gráficas para indicação da pontuação se baseavam em antigos sistemas latinos, mas já na produção escrita em latim, havia uma variação grande do sistema de pontuação. Machado Filho, afirmou que já não se pontuava um texto latino sistematicamente e com a mesma frequência desde a Alta Idade Média. Os sinais do português arcaicos eram:

O ponto seguido de maiúscula [.M]; o ponto seguido de minúscula [.m]; a *virgula suspensiva* [/], quer seguida de maiúscula, quer de minúscula, que seria usada para marcar uma pausa mais breve ou hesitação num texto; *punctus elavatus* [/], diante de maiúscula ou minúscula, utilizado com a função de representar uma pausa média principal; o caldeirão medieval [¶], que indicaria início de parágrafo, de proposição ou de parte de texto, podendo anteceder da mesma forma maiúscula e minúsculas; os sinais de fim de texto (STF), inovações que começam a aparecer a partir do século XV, coexistindo com outros sistemas antigos como o das *distinctiones* que caracterizava e suma pela dependência direta do sinal à altura da linha do texto, condicionando a interpretação por parte do leitor de uma maior, média ou menos pausa no ato da leitura, ou símbolos conhecidos como *postitura* [:~M], que eram empregados no final do parágrafo. para anunciar que haveria uma continuação⁵. (Machado Filho, 2004. p.56)

Esses sinais além das orientações descritas acima eram orientadores da leitura em voz alta. E, a grande maioria deles, foram caindo em desuso no século XV dando lugar ao colón, que tem o desenho do nosso atual ponto (.) e a coma, com o desenho atual dos dois pontos (:). Para João de Barros os sinais de pontuação eram elementos principais da

5 Na parte sublinhada, tradução e adaptação minha

ortografia “sendo a coisa que importa muito por que ás vezes fica a óraçám anfibológica sem elles”, e, para sua grammatica “nesta parte nam ficar escassa” (Barros, 1954, p.66):

Sinal	Símbolo correspondente	função
Côma	:	“aque podemos chamar cortadura: por que aly se corta clausula em duas partes” (p.66). Na coma parece que descansa a voz, mas não fica i entendimento satisfeita, porque deseja a outra parte.” (idem)
Cólo	.	“é um termo ou marco em que se acaba a cláusula.” (p.66); “oração fica perfeita e rematada com este ponto colo.
vergas	,	ou “vírgulas: que sam huas distinções das partes da cláusula” (.p66) “sam esta zeburas, ao mdo dos gregos”
parentesis	()	“os dois arcos que fazem estas palavras (como ia disse): usam os latinos quando cometem hua figura aque chamam entreposiçam”(p.66)
interrogación	?	“quado perguntamos alguma cousa dizendo. Quem foy o primeiro que achou o uso das leteras? Estes dois pontos assy escritos onde apregunta acaba, podemos chamar interrogativos: por serem sinal que interrogamos e preguntamos alguma coisa.”(p.67)

Abaixo seguem alguns exemplos dados para explicar o uso da pontuação em João de Barros, observa-se que o autor apenas escreve algo rápido sobre o assunto e não dá exemplos do uso os parênteses. (p.66 e p.67):

Exemplo de uso de coma, colo e verga: *Ler as obras de Lutero: nunca obedecer ao papa, é mais seguro pêra a salvação.* Exemplo de uso do ponto de interrogação: *Quem foi o primeiro que achou o uso das leteras?*

3 | CONCLUSÃO

Para finalizar as comparações, podemos concluir que a gramática de Nebrija não foi entendida por seus contemporâneos, pois se tratava de um salto qualitativo pelas considerações que ele faz à língua romance e pelo estudo sistemático que ele faz do castelhano. Já a gramática de João de Barros, como primeira tentativa de se descrever a língua portuguesa, é uma grande referência para os estudos gramático-históricos, embora contenha nela diversas afirmações ingênuas sobre o funcionamento da língua. Estudar sua gramática histórica foi muito interessante, pois percebemos as motivações que levaram aos dois autores a concretizar essa obra. No caso, a motivação foi religiosa e competitiva no sentido de consolidação, formação de nações e expansão dessas nações.

João de Barros foi o que sentiu a diferença entre o latim e o português, sua gramática, porém, não pode ser dita como uma cópia ou uma mera tradução porque há reflexões

consideráveis sobre a nossa língua e uma forma de apresentação diferente. Sendo assim, em relação da problematização deste trabalho: se a gramática de João de Barros seria uma mera cópia ou se seria uma mera tradução? A resposta é não. A estrutura das gramáticas é diferente e há explicações em uma que não existe na outra. Nebrija não aborda o sistema de pontuação e João de Barros não fala do sistema de acentuação, sendo assim, essa não é possível que seja uma mera cópia e/ou tradução. Se tivéssemos comparados mais pontos conceituais e gramaticais verificaríamos que a questões continuariam tendo uma resposta negativa para a problematização. Se um ponto ou outro coincide é porque os autores basearam-se nos modelos clássicos estabelecidos por Donato e Priciano que serviam de referência para os todos os estudiosos naquela época. O que constitui João de Barros como autor-criador é o fato dele organizar a gramática de uma maneira distinta de Nebrija e em relação aos elogios e incentivos de uso que o gramático faz a respeito da língua portuguesa. O autor também comenta aspectos gramaticais gerais como nomenclatura das classes gramaticais, características gerais da forma como eram vistos os estudos e as regras gramaticais. O método e o exemplo de Nebrija foram seguidos pelos gramáticos europeus, mas todos eles se voltaram para resolver o problema de sistematização e particularidades de suas respectivas línguas.

REFERÊNCIAS

- ALATORRE, Antonio. Los 1001 años de la lengua española. 3.ed. México: Tezontle, 1993.
- BARROS, João. Gramática da língua portuguesa. 3.ed. Lisboa, 1957.
- BASTOS, Neusa M.O.B. & PALMA, Dieli V. (orgs.). História entrelaçada: a construção de gramática e o ensino da língua portuguesa do século XVI ao XIX. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BASTOS, Neusa M.O.B. & PALMA, Dieli V. (orgs.). História entrelaçada 2: a construção de gramáticas e o ensino da língua portuguesa no início do século XX. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BURKE, Peter. A Escola dos Annales 1929 – 1989 – A Revolução francesa da Historiografia. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- CAIRE-JABINET, Marie-Paule. Introdução à historiografia. Bauru, São Paulo, EDUSC, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: conceitos-chave. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- FÁVERO, Leonor L. & MOLINA, Márcia A. G. Em busca do arcabouço teórica. In: As concepções linguísticas no século XIX – A gramática no Brasil. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 17 a p. 29
- FÁVERO, Leonor L. & MOLINA, Márcia A. G. Mapeando o passado. In: As concepções linguísticas no século XIX – A gramática no Brasil. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 30 a p.52

KOERNER, E. F. Konrad. Practicing linguistic historiography: select essays. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1989.

KOERNER, E. F. Konrad. Questões de persistem em historiografia linguística. Revista da ANPOLL, nº 2, p. 47-70, 1996.

NEBRIJA, Antonio de. Gramática Castellana. Madrid, Edición de la Junta del Centenário, 1946.

LE GOFF, Jacques. História e memória. São Paulo, UNICAMP, 2003.

LEITÃO, Ana Rita(2015). Língua, companheira do império: significados da educação ameríndia em língua portuguesa. Disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33214/1/2015_Ribas%20et%20al.pdf Acesso em 16 set. 2020

MACHADO FILHO, Américo V. L. A pontuação em manuscritos medievais portugueses. Salvador: EDUFBA, 2004.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas (org.). A Historiografia Linguística: rumos possíveis. São Paulo: Edições Pulsar: Terras do Sonhar, 2005.

TORRES, Miguel Angel. Las ideas lingüísticas de Antonio de Nebrija. Münster: Nodus Publikationen, 1995.

VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

América Latina 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

A origem dos guardiões 116, 117, 124, 126

Arte gráfica 130, 133, 142

Arte latino-americana 97, 98, 100, 101, 102

Autor 6, 12, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 43, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 80, 132, 136, 137, 138

B

BNCC 29, 32, 33, 36, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86

C

Competências sociais 104, 107, 109

Criança 1, 2, 3, 13, 14, 47, 59, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 127, 164

Currículo 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 108

D

Discurso 2, 17, 33, 43, 47, 51, 66, 81, 82, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 133, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156

E

Encobrimentos 88, 89, 90, 93, 95

Ensino 21, 22, 23, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 40, 41, 43, 44, 45, 54, 55, 56, 70, 74, 75, 76, 77, 79, 81, 85, 104, 105, 139, 145, 146, 169

Ensino de gramática 29

Ensino de língua materna 29, 30, 33, 37, 41, 44

Enunciado 55, 56, 57, 59, 65, 66, 68, 71, 74, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156

Epilinguística 54, 55, 67, 75

Escritor 17, 22, 102, 113, 117, 159

Estrutura 25, 27, 36, 42, 60, 64, 77, 80, 82, 101, 114, 124, 133, 136, 143, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 160

Estudos críticos do discurso 104

F

Floresta 111, 130, 133, 137, 140, 141, 142, 144

Fractalização 130, 139

Funcionamento 26, 34, 35, 36, 40, 41, 43, 55, 79, 136, 141, 147, 148, 149, 150, 151, 152,

153, 155, 156, 157

H

Historiografia linguística 17, 28

I

Identidade 13, 46, 48, 52, 53, 56, 86, 87, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 119, 121, 126, 132, 133, 143, 144

Ideologia 17, 80, 86, 113, 115, 136, 146, 148, 149, 150, 154, 155

Ikwasiat 130, 131, 133, 134, 138

Imagem-símbolo 130

L

Leitura 25, 29, 31, 32, 33, 34, 40, 41, 45, 50, 74, 148, 149, 167

Linguagem 20, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 42, 43, 44, 46, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 77, 80, 81, 104, 106, 107, 108, 109, 114, 115, 116, 119, 121, 122, 123, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 159, 161

M

Memória 21, 28, 35, 46, 49, 50, 98, 108, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 158, 161

Mimetismos 88, 90, 93, 95, 96

Morte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 22, 108, 132, 140, 143

N

Narração 1, 8, 10, 22

Narrativa mítica 130, 131, 132

P

Política 48, 77, 79, 81, 82, 87, 97, 99, 100, 103, 105, 137, 147, 150, 153, 154, 155, 157

Práticas pedagógicas 30, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85

S

Semântica 54, 60, 71, 75, 76, 121, 125, 131, 148, 159

Significado 6, 9, 10, 11, 16, 20, 36, 57, 58, 60, 67, 73, 116, 117, 121, 122, 126, 127, 151, 159, 160

Símbolo 8, 13, 26, 116, 117, 121, 122, 123, 126, 130, 131, 132, 133, 136, 140, 143

T

Tempo 4, 5, 8, 9, 14, 18, 19, 20, 22, 23, 30, 41, 57, 71, 80, 89, 97, 99, 100, 112, 116, 117, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 138, 140, 141, 142, 151, 157, 162, 163,

164, 165

Tradução 1, 2, 5, 16, 17, 18, 22, 23, 25, 26, 27, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 122, 123, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 140, 144, 159, 160, 161, 162

V

Vagueza 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 163

Vanguardas 97, 100, 103

Veado 130, 133, 138, 139, 140, 141, 142

Vulnerabilidade social 104, 106

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022